

**FALO OU FEMINILIDADE: UMA
DISCUSSÃO INSTIGANTE**

Gramáticas do erotismo. Joel Birman.
Rio de Janeiro: Record, 2001.

Regina Neri

Psicanalista, doutora em teoria psicanalítica pelo Instituto de Psicologia da UFRJ; bolsista recém-doutora do CNPq junto ao Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC-SP.

Falo ou feminilidade?, eis a questão debatida por J. Birman em *Gramáticas do erotismo*. O trabalho de resgate e aprofundamento do conceito de feminilidade, que vem sendo realizado pelo autor desde 1993, apresenta-se como um empreendimento de fôlego que resulta em uma interpretação original da metapsicologia freudiana — a virada dos anos 1920 — a qual vai privilegiar o registro pulsional econômico em detrimento do representacional tóxico, contexto em que emerge o conceito de feminilidade.

A continuidade dessa pesquisa conduz o autor, atualmente, a se debruçar sobre a questão da diferença sexual, objeto de discussão nesse livro, no qual vem destacar a presença de diferentes gramáticas do erotismo no texto freudiano. A singularidade e a riqueza da obra freudiana é a de se constituir, ela mesma, em uma tensão discursiva entre o determinismo universal da lógica fálica

e a feminilidade como enunciação do singular.

Discurso de subversão do sujeito do cogito ou nova metafísica sobre o sujeito e o sexo? A interrogação endereçada à psicanálise pela obra de Foucault e por teóricas do movimento feminista é de peso. Produção discursiva histórica ou teoria universal do sujeito? Como sublinha G. Fraisse, a psicanálise se constituiu como primeiro discurso a colocar no cerne de sua interrogação a questão da diferença sexual, tratada ao longo da história do pensamento filosófico de modo periférico. No entanto, no que concerne à sua teoria sobre o feminino, Freud não faz mais do que reeditar “uma metafísica dos sexos”, que desde a Antiguidade permeia o pensamento ocidental, instaurando uma dicotomia hierárquica na qual o masculino é equivalente de “mais”, e o feminino de “menos”.

Ao inscrever a psicanálise entre os dispositivos das ciências sexuais emergentes no século XVIII e XIX, Foucault vem mostrar de que modo ela se configura como um discurso de adestramentos dos corpos e da sexualidade, visando à consolidação da família burguesa: a operação de patologização do corpo feminino atrela a mulher à maternidade, aprisionando-a no espaço doméstico, garantindo ao homem o domínio do espaço público. Entretanto, Freud vai igualmente criticar de forma radical o dispositivo de hereditariedade-degene-

ração dominante na época, ao formular o conceito de pulsão sexual perverso-polimorfa que aponta para a plasticidade da sexualidade humana

A teoria freudiana da sexualidade fundou-se, como assinala J. Birman, sob o postulado de uma masculinidade originária — a sexualidade feminina e masculina sendo constituída pelo operador fálico —, inserindo-se desse modo na hierarquia naturalizada dos sexos. No fim de sua obra, Freud teria rompido com essa tradição ao formular, a partir da clínica, o conceito de feminilidade: a experiência de desamparo dos homens e mulheres diante da perda dos referenciais fálico-narcísicos abre para homens e mulheres novas possibilidades de subjetivação ao sinalizar um sujeito da mobilidade pulsional em permanente tentativa de inscrição da estesia pulsional em singularidade ética e estética.

A construção fálico-edípica já foi objeto de numerosos questionamentos na psicanálise, a começar por Freud, que muito cedo percebe os impasses desse modelo para pensar o processo de subjetivação da mulher. No entanto, o que não foi problematizado é que a teoria da diferença na psicanálise tem inegavelmente o masculino como paradigma. A lei constitutiva do desejo em Freud e Lacan é a lei do pai, a teoria fálico-edípica configurando-se como uma versão masculina da diferença, na qual o outro, o feminino, só pode ser pensado em simetria ou dessimetria ao referencial fálico e formulado como “um a menos” (castrado e invejoso em Freud) ou “um a mais” (bi-gozo em Lacan). A dialética da castração, girando em torno da presença-ausência do falo, instala uma dicotomia fálico/castrado, na qual o feminino fica indelevelmente marcado pela inveja do pênis e pela falta.

Assim, apesar da constatação magistral de Lacan de que a lógica fálica fora-clui o feminino, no nosso entender o que fica fora-cluído na psicanálise pela operação de deslocamento do pênis ao falo como referência simbólica é o travestimento do masculino em universal neutro fundador. A promoção do falo à instância neutra fundadora pode ser considerada justamente como o próprio atestado da superioridade do masculino, o qual não pode ser reduzido a um órgão sexual, o pênis, como no caso da mulher, que se define, antes de tudo por seu sexo, sob pena de caricaturar a própria universalidade fálica.

Confrontada à crise atual que afeta os recortes tradicionais masculino/feminino, a psicanálise, como comenta M. Schneider, mantém uma posição aparentemente inabalável, impondo um sistema de referências enunciado sob um modo a-histórico, considerando a crise da ordem simbólica vigente como uma ameaça que conduziria à indiferenciação e ao caos. O que se coloca como pano de fundo do questionamento da centralidade do Édipo como eixo de subjetivação, tal como o aqui realizado por J. Birman é a capacidade de a psicanálise contemporânea colocar a clínica e a teoria na escuta de seu tempo.

Nunca é demais lembrar a ousadia de Freud e de Lacan ao desafiarem os discursos dominantes fora e dentro da psicanálise, fazendo da escuta de suas épocas uma exigência de produção teórica. No entanto, para realizar tal tarefa, é preciso se colocar em guarda em relação a operações apressadas de acomodação da psicanálise aos ares do nosso tempo, pois ao fazerem a economia de um questionamento rigoroso no interior do corpo teórico psicanalítico, não fazem juz à riqueza do arcabouço conceitual

que a psicanálise acumulou ao longo de sua história e que nos convida à sua problematização e potencialização.

Recebida em 31/3/04.

Aprovada em 23/4/04.

Regina Neri

reginaneri@uol.com.br

DA SUBVERSÃO DO GÊNERO À REINVENÇÃO DA POLÍTICA

Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Judith

Butler. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Simone Perelson

Psicanalista, doutora em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Université Paris 7

Em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler empreende, em primeiro lugar, uma genealogia crítica, fortemente fundamentada no pensamento de Foucault, das categorias de gênero estabelecidas como uma relação binária homem-mulher. Irá demonstrar que o binarismo é um produto reificado de práticas discursivas múltiplas e difusas que funcionam como regimes de poder, sendo o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória apontados como os elementos definidores desta produção/construção.

A genealogia crítica do binarismo dos gêneros conduzirá a autora à crítica da distinção sexo-gênero, à idéia de um sexo natural ou pré-discursivo, por um lado, e um gênero culturalmente construído, por outro. A construção do caráter natural do sexo, a produção da natureza sexuada como anterior à cultura é, de fato, uma maneira de assegurar a manutenção da estrutura binária dos gêneros. Vale observar, como nota Butler, que o discurso que opõe o sexo natural ao gênero cultural concebe de modo habitual que a natureza é feminina e precisa ser subordinada pela cultura, invariavelmente concebida como masculina. A crítica de Butler à idéia de um sexo natural fundamenta-se na crítica de Foucault à concepção da cultura como efeito de uma lei repressiva, na qual